

RÚSSIA E UCRÂNIA NÃO DEVERÃO ENTRAR EM CONFLITO

Por Ekaterina Zolotova*



Soldado russo na Crimeia (Foto: Stephen Foote/Alamy).

Rumores em contrário ignoram o melhor interesse de todos os envolvidos.

Os combates recomeçaram entre militares ucranianos e rebeldes apoiados pela Rússia em Donbass, que acusa o governo de Kiev de se preparar para uma ofensiva em grande escala. As tropas na região de fato entraram em alerta máximo e, ao ser questionado, um representante das negociações de paz disse que Kiev não descartaria a possibilidade de guerra. Para ficar claro, a Ucrânia tem motivos para provocar a Rússia. Fazer isso talvez trouxesse um novo respiro às negociações para a implementação do Acordo de Minsk, assinado em 2015. Kiev quer trazer os Estados Unidos para as negociações e a participação da Rússia em alguma atividade cinética no Donbass, calcula Kiev, pode fazer com que isso aconteça. Afinal, os acontecimentos no sudeste da Ucrânia não são apenas um problema ucraniano ou mesmo europeu, mas um problema verdadeiramente global – ou pelo menos é o que afirma a Ucrânia.

Além do mais, o governo do país é extremamente instável. A popularidade do presidente Volodymyr Zelensky está caindo. Em 2021, apenas cerca de 22% dos ucranianos afirmam que votariam nele. Os danos econômicos induzidos pela pandemia só pioraram as coisas. Demonizar a Rússia – e até mesmo envolvê-la em um conflito no qual Kiev pode acusá-la de ser a agressora – seria uma distração bem-vinda. A Ucrânia espera que isso também possa levar Washington a se inserir mais no conflito. Teria que ser um conflito curto e decisivo, mas jogado da maneira certa poderia realmente beneficiar Kiev.

E, no entanto, é muito improvável que uma guerra se inicie. Rumores de que a Ucrânia quer vingança por Donbass circulam há anos, mas mesmo agora uma guerra total é improvável. Uma operação bem-sucedida deveria ser repentina e ocorrer antes ou depois do degelo da primavera. Também exigiria um número substancial de forças terrestres apoiadas por um número significativo de bases abastecidas por boas quantidades de alimentos, armas, etc. Os eventos da semana passada dificilmente eram segredo, e não há evidência de que um grande número de tropas ou tanques estão sendo concentrados perto da região como seria de se esperar. De acordo com a autoproclamada República Popular de Donetsk, a Ucrânia implantou um total de 33 unidades de equipamento militar e armas perto de edifícios residenciais e instalações municipais na área de Donbass controlada por Kiev, mas não o suficiente para vencer uma guerra. Além disso, os rebeldes em Donbass estão bem provisionados e constantemente praticam a prontidão de combate, portanto não há razão para crer que um conflito teria curta duração.



Posições militares e território, sudeste da Ucrânia (©Geopolitical Futures. Fonte: Polgeonow, 112UA, tv, ISS).

Geopoliticamente, uma guerra também é difícil de vender porque o equilíbrio de poder na região não mudou muito. Houve muito treinamento e equipamento adicional na Ucrânia, cortesia dos EUA e da OTAN, e a Ucrânia está tentando melhorar sua prontidão de combate, incluindo a planejada construção de duas bases militares padrão OTAN em Severodonetsk, o centro da região de Luhansk, e

em Mariupol, na região de Donetsk. Mas os Estados Unidos estão satisfeitos com o *status quo*, que permite a Washington estar presente sem gastar muito e sem se confrontar diretamente com a Rússia.

A Rússia, porém, está em posição mais difícil. O presidente Vladimir Putin disse que não abandonará Donbass facilmente, mesmo que prefira observar e agir apenas quando for absolutamente necessário – ou seja, o início de uma operação militar. É por isso que a Rússia recentemente emitiu centenas de passaportes para residentes de lá, e é por isso que mantém uma presença militar tão robusta em seus distritos militares do sul e do oeste. E não nos enganemos: militarmente, Moscou poderia facilmente tomar posse de Donbass se quisesse. Não só tem tropas e bases perto da fronteira com a Ucrânia, mas também está construindo mais. O Ministério da Defesa está construindo uma base para equipamento militar e mais de 5.000 tropas na cidade de Boguchar, a 45 quilômetros da fronteira com a Ucrânia. Outra base está sendo construída perto da cidade de Valuiki. As bases mais próximas de Donbass, que seriam as primeiras a entrar em combate, ficam a cerca de 50 quilômetros de distância, portanto podem ser rapidamente transferidas para Donetsk e Luhansk.

Mas anexar formalmente mais 50-150 quilômetros de território não adicionariam muita coisa à sua profundidade estratégica – isso já é feito apenas mantendo o conflito congelado. Por isso Moscou não se opõe a reconhecer Donetsk e Luhansk como parte da Ucrânia, embora como regiões autônomas, nos termos do Acordo de Minsk. Donbass é importante para a Rússia apenas como zona tampão.

A Ucrânia, por outro lado, é muito mais importante. Moscou vê isso como a demarcação entre a Rússia e os países da OTAN. É uma ex-república soviética com estreitos laços culturais, que continuou a funcionar como centro de tráfego de energia, a fonte econômica da Rússia, para os mercados europeus. Tudo o que uma operação militar faria seria empurrar a Ucrânia para a OTAN mais rapidamente e incitar uma resposta militar. No mínimo, justificaria mais sanções com as quais Moscou simplesmente não pode arcar.

Mesmo assim, o Kremlin percebe que a questão de Donbass deve ser resolvida o mais rápido possível, uma vez que a Ucrânia continua a aumentar suas forças militares ao mesmo tempo em que aumenta a instabilidade política. É muito mais lucrativo para Kiev simplesmente esquentar a situação sem iniciar uma guerra que poderia muito bem perder. Todos têm mais chances de fortalecer suas posições por meio de protestos, provocações e politicagem através das negociações na Normandia.

**Ekaterina Zolotova é analista do think tank Geopolitical Futures. Especialista em relações econômicas internacionais pela Universidade Russa de Economia Plekhanov, estudou comércio internacional e processos de integração internacional, defendendo tese sobre características do desenvolvimento econômico da Venezuela. Fala russo nativo e é fluente em inglês.*
